A variação das preposições em verbos de movimento – uma abordagem funcionalista

Maria José Blaskovski Vieira
Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter

RESUMO - No Português Brasileiro, a exemplo do que vem acontecendo no Português de Moçambique e Angola, é possível constatar-se o uso variável de preposições que regem verbos de movimento. A tradição gramatical brasileira, da mesma forma que a norma européia, prescrevem a seleção de preposições direcionais para verbos como "chegar", "vir", "ir". No entanto, na fala coloquial, é a preposição locativa "em" que se realiza juntos a esses verbos. Neste trabalho, pretende-se discutir o processo de mudança que atinge essas preposições, utilizando-se os fundamentos teóricos da Teoria Funcionalista. São dois os princípios fundamentais da abordagem funcionalista: o princípio da iconicidade e o princípio da marcação. A eles, associam-se outros princípios que dão conta do comportamento sintático-semântico de estruturas lingüísticas. Interessa a este trabalho o princípio da iconicidade e, mais especificamente, um princípio a ele associado: o princípio da proximidade. De acordo com esse princípio, a contigüidade na codificação lingüística tende a refletir uma proximidade existente no plano conceptual. Com base nesse princípio, pretende-se mostrar que o processo de alternância nas preposições que regem verbos de movimento pode estar refletindo um afrouxamento, no plano conceptual, da relação entre verbo e preposição e, simultaneamente, em sentido contrário, um estreitamento da relação entre preposição e argumento do verbo ou adjunto.

PALAVRAS-CHAVE – preposição, verbos de movimento, iconicidade

1 - Introdução

No Português Brasileiro, assim como em Moçambique e Angola[1], contata-se a alternância de preposições que regem verbos de movimento. A tradição gramatical brasileira, da mesma forma que a norma européia, prescrevem a seleção de preposições direcionais para verbos como *chegar*, *vir*, *ir*. No entanto, na fala coloquial, a preposição locativa *em* alterna com as preposições *a/para* com esses verbos.

Neste trabalho, pretende-se discutir o processo de alternância que atinge essas preposições, utilizando-se os fundamentos teóricos da Teoria Funcionalista. Inicialmente, são apresentados os pressupostos teóricos do Funcionalismo. Após, discute-se o status das preposições na visão tradicional, a questão do sentido e o processo de esvaziamento semântico que atinge algumas preposições. Por fim, analisa-se a variação no uso das preposições com verbos de movimento como resultado de um afrouxamento, no plano

[1] Gonçalves (1996 e 200) mostra que um dos aspectos que caracterizam o Português moçambicano e também o angolano é o uso de preposições locativas regendo verbos de movimento.

conceptual, da relação entre a preposição e o verbo, por um lado, e o estreitamento da relação entre preposição e argumento do verbo ou adjunto, por outro lado.

2 - Os fundamentos teóricos

O Funcionalismo constitui-se em uma corrente que surge dentro do Estruturalismo, mas que dele se afasta por introduzir na análise dos fatos lingüísticos o componente pragmático, a que atribui uma grande parte da responsabilidade pelas escolhas feitas pelo falante entre as opções fornecidas pelo sistema da língua. Nessa perspectiva, a língua é vista como um sistema no qual convivem o estrutural e o funcional, regendo-se pelo princípio idealizado de que existe: a) uma correlação um-para-um entre forma e função; b) uma conexão não arbitrária entre forma e função. (Givón, 1991, p. 1)

Apesar de haver várias vertentes do Funcionalismo, todas elas apresentam uma base comum, qual seja, a idéia de que uma expressão lingüística não pode ser analisada com base tão-somente no sistema formal em que se insere; é preciso considerar também, e especialmente, a função dessa expressão no contexto comunicativo em que foi produzido, assim como a intenção comunicativa do falante.

Na perspectiva funcionalista, a língua é analisada na situação de uso, em que interferem forças motivadoras de origem externa a seu domínio. Dessa forma, as estruturas empregadas não podem ser consideradas categorias fixas ou predeterminadas, nada flexíveis aos diversos contextos comunicativos. Ao contrário, é necessário considerar aspectos do evento da fala. (Neves et al., 1997, p. 7).

Postula-se que a língua existe não porque disponha de uma estrutura, mas sim que sua estrutura existe em função da necessidade de cumprir certas funções. (Castilho, 1994, p. 76) Essas funções representam as inúmeras estratégias adotadas na organização do discurso que levam o falante a preencher seu objetivo comunicativo, dentre elas, pode-se citar o ordenamento dos constituintes na oração, os recursos de topicalização, deslocamento à esquerda ou apassivação, todos relacionados a fatores funcionais que incluem o falante, o ouvinte e o contexto comunicativo.

O comportamento sintático-semântico de uma estrutura pode ser explicado adequadamente, considerando-se uma forma de análise que leve em conta a interação entre forças internas e externas ao sistema. Para isso, alguns princípios básicos são adotados a

fim de que se possa proceder ao julgamento da propriedade e da adequação de estruturas lingüísticas ao contexto em que se inserem. Dentre esses princípios, estão os da iconicidade, da marcação e da analogia.

2.1 - Princípios funcionalistas

De acordo com Votre (1997), o princípio da iconicidade envolve a idéia de que "tende a haver uma relação de motivação entre forma e significado, de modo que os humanos agem com correspondência entre forma e função em termos lingüísticos, embora nem sempre possamos identificar os traços dessa correspondência na produção de cada ato verbal". (p.26) Concretamente, o princípio da iconicidade configura-se na quantidade de informação, no grau de integração entre os constituintes da expressão e na ordenação seqüencial dos segmentos.

Givón subclassifica a iconicidade nos seguintes princípios: Princípio da quantidade de informação: a codificação morfossintática revela-se tanto maior quanto maior, mais imprevisível e mais relevante for a quantidade de informação a veicular. (Givón, 1990, p.969). Princípio da proximidade: entidades que estão mais próximas funcional, conceptual ou cognitivamente serão colocadas mais próximas no nível da codificação (p.970). Princípio da ordem linear: a informação mais importante, mais previsível e mais tópica tende a ser colocada em primeiro lugar na cadeia (p.971).

O princípio da marcação envolve a idéia de que categorias complexas estrutural ou cognitivamente e categorias poucos freqüentes no discurso tendem a carregar marcas que orientam a forma de recepção por parte do ouvinte.

O princípio da analogia manifesta-se através de processos associativos que resultam em construções fonológica, morfológica ou sintaticamente equivalentes a outras existentes na língua, mas que não atendem aos objetivos comunicativos do falante com eficácia. O processo de analogia consiste, de acordo com Neves (1997), na aplicação de um paradigma sintático-semântico a relações sentenciais diferentes em virtude de similaridade gramatical de termos e expressões.

Neste trabalho, toma-se o princípio da iconicidade e o subprincípio da proximidade com o objetivo de mostrar que a alternância da preposição que rege verbos de movimento

pode ocorrer quando se configuram relações conceptuais mais próximas entre verbo e preposição, por um lado e preposição e adjunto, por outro lado.

3 - As preposições do ponto de vista da gramática

De maneira geral, as preposições não têm tido um tratamento adequado nas gramáticas, uma vez que as descrições são fragmentadas e esparsas, localizadas em partes não relacionadas entre si. Elas tanto são abordadas no capítulo referente às classes de palavra, quanto no capítulo que trata da regência, ou na parte referente à crase. O que também é comum, na maior parte delas, é a falta de referência ao aspecto semântico das preposições.

De acordo com Luft (1983, p. 138-139), preposição é uma palavra gramatical com função subordinativa chamada regência, indicando que seu conseqüente se subordina a um antecedente. São elementos funcionais que estabelecem conexões entre unidades de diferentes níveis.

Cegalla (1991) também não faz qualquer referência ao aspecto semântico das preposições, voltando-se unicamente para o seu aspecto funcional. Nesse sentido, afirma que as preposições são palavras invariáveis que ligam um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos.

Bechara (2002) define preposição como uma unidade lingüística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso -, em geral, átona, que se junta a substantivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários normais, quer nas orações.

Diferentemente dos outros gramáticos, Cunha (1978) analisa as preposições do ponto de vista semântico, definindo-as como a palavra invariável que relaciona termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro, a que chama de antecedente, é explicado ou completado pelo segundo, chamado de conseqüente. A relação que se estabelece entre as palavras ligadas por meio de preposição pode exprimir movimento ou uma situação resultante do movimento. Tanto o movimento como a situação podem ser considerados em referência a espaço, tempo ou noção.

Apesar de as preposições apresentarem uma grande variedade de sentidos em contextos diversos, é possível definir, ainda de acordo com Cunha, uma significação

fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional.

As preposições *a*, *em* e *para*, por exemplo, tanto têm sentido de movimento quanto de situação: o sentido de movimento expressa aproximação de um limite (*a* e *para*) e tendência para uma posição de contato ou de interioridade (na preposição *em*). Já o sentido de situação expressa coincidência, concomitância (preposição *a*), posição no interior, dentro de limites (preposição *em*) e finalidade, direção (preposição *para*).

4 - O valor semântico das preposições

Como se pode ver, nas gramáticas consultadas, não há divergência a respeito do status da preposição como unidade funcional que relaciona elementos na sentença. No entanto, o fato de serem unidades funcionais não implica que sejam desprovidas de valor semântico[2]. Esse valor semântico só se atualiza ou se manifesta em contextos sintáticos determinados, já que é dependente do valor semântico de outros itens da sentença. (KLEPPA, 2005).

Para Kleppa (op.cit., p. 72), quanto mais esvaziado for o conteúdo semântico de uma preposição, mais dependente ela se torna do conteúdo semântico do termo que a seleciona, ou seja, ela poderá ocorrer em vários contextos sintáticos, já que seu valor semântico não é restrito ou específico, mas emerge em combinação com outros termos.

Há preposições que têm um valor semântico mais transparente; são aquelas não gramaticalizadas e que preservam seu conteúdo semântico (até, contra, desde, entre, sem, sob), e outras que têm um valor semântico opaco, são as preposições mais gramaticalizadas (a, com, de, em, para, por). Tais preposições caracterizam-se por possuírem valor semântico altamente esvaziado; poderem funcionar como introdutoras tanto de argumentos quanto de adjuntos; poderem ser amalgamadas com outros elementos lingüísticos (a + a. em + a, por + a, de + a) e por serem mais freqüentes que as menos gramaticalizadas.

---

[2] O valor semântico das preposições pode ser comprovado a partir da análise da diferença de sentido das frases a seguir, retiradas de Travaglia (2003, p.186). João falou de Maria, João falou para Maria, João falou por Maria, João falou perante Maria, João falou sobre Maria, João falou ante Maria, João falou a Maria, João falou sobre Maira, João falou junto a Maira, João falou com a Maria, João falou em Maria, João falou em Maria.

Castilho (2004) trabalha com a idéia de que as preposições têm um sentido prototípico que corresponde às categorias semântico-cognitivas de posição no espaço, deslocamento no espaço, distância no espaço e movimento, sendo que a categoria espaço pode ser descrita nos eixos horizontal, vertical e transversal. Com o uso, no entanto, tal sentido prototípico se modifica, tornando-se mais abstrato[3].

Assim, por exemplo, o sentido prototípico da preposição *a* é o de expressar, de forma mais genérica, a indicação da direção de um determinado movimento. Daí ser ela amplamente utilizada para a expressão de direção não só no espaço, mas também no tempo e em sentido nocionais diversos. Da mesma forma, *para* alterna com *a* na expressão de direção. De formação tardia no latim vulgar, resultante da aglutinação de per + ad, "marcava um percurso com a direção definida" (CÂMARA, 1975, p. 179).

Já a preposição *em*, em seu sentido prototípico, situa ou localiza um evento em um determinado lugar no espaço, noção que, atualmente, pode ser especificada por uma série de preposições ou de outros itens lexicais.

5 - As preposições e os verbos de movimento

De acordo com a tradição gramatical, os verbos de movimento *ir*, *chegar*, *vir*, devem ser empregados com a preposição *a* e *para*, uma vez que essas preposições carregam sentido de direção, sendo que a escolha de uma ou outra implica uma diferença sutil de sentido. No entanto, na língua falada, além dessas preposições, também é comum o uso de *em* acompanhando esses verbos.

1) a) Tenho que vir ao sítio hoje.
   b) Tenho que vir para o sítio hoje.
   c) Tenho que vir no sítio hoje.

2) a) João foi à praia no fim de semana.
   b) João foi para a praia no fim de semana.
   c) João foi na praia no fim de semana.

---

[3] De acordo com Pontes (1992, p.8), as preposições modificam-se primeiro em seu uso literal, ou seja, de espaço, mas perduram no uso metafórico. Assim, a preposição "a" já não é mais usada na maioria das acepções de espaço na língua coloquial, tendo sido substituída por "em" e "para", mas continua sendo um pouco mais usada quando indica tempo. Por exemplo, não se diz mais que a comida está à mesa, mas sim "na mesa". Mas ainda se diz "às dez horas.

3) a) O diretor chegou à repartição no horário combinado.

b) O diretor chegou na repartição no horário combinado.

Os usos destacados em 1a, 1b, 2a, 2b e 3a são previstos pela tradição gramatical e considerados padrão culto, enquanto os usos destacados em 1c, 2c e 3b são considerados não-padrão. Há autores que interpretam tal alternância como uma variação[4] lingüística, condicionada por fatores lingüísticos e extralingüísticos. Mollica, (1998), por exemplo, realizou pesquisa, através da qual identificou fatores lingüísticos que condicionam a escolha de uma ou outra dessas preposições empregadas com o verbo *ir*.

O estudo de Mollica mostra que traços semânticos do locativo influenciam a escolha da preposição. Locativos que se referem a um espaço fechado, a um lugar cercado como cinema, shopping, estádio, etc, tendem a selecionar a preposição *em*; enquanto locativos que se referem a um lugar aberto, como praia, parque, etc, tendem a selecionar as preposições *a/para*.

Outro fator relevante, apontado pelo estudo, é o grau de definitude do locativo: quanto mais definido, maior a possibilidade de o verbo ser empregado com a preposição *em;* quanto mais indefinido, maior a possibilidade de ser empregado com as preposições *a* ou *para*. Tais resultados apontam para o fato de que a maior ou menor integração entre preposição e locativo é dependente de características semânticas do locativo.

Numa perspectiva funcionalista, a explicação para essa alternância, pode ser buscada, lançando-se mão do princípio da proximidade. Segundo esse princípio, na codificação lingüística, quanto mais integrados os conceitos estiverem no âmbito cognitivo, maior será a integração sintática, já que uma vez acionado determinado conceito, outros conceitos a ele relacionados também são ativados. De acordo com Votre (1993, p.11), o grau de integração e liberdade relativa entre constituintes de uma palavra, de um sintagma, de uma cláusula, de um período ou de um parágrafo são indícios do grau de integração entre os componentes cognitivos desses constituintes.

---

[4] Com base nos pressupostos da Teoria Gerativa, Farias (2006, p.216) afirma que a alternância no uso das preposições *a*, *para* e *em* com verbos de movimento não pode ser tratada como um caso de variação lingüística nos moldes labovianos, isso porque a mudança de uma preposição por outra não representa simplesmente formas diferentes de se dizer a mesma coisa, mas constitui uma variação léxico-sintática.

A questão que surge a partir da definição desse princípio está relacionada à forma de definirmos a distância em termos conceptuais. Haiman (1985, p. 106-107) sustenta que duas idéias são conceitualmente próximas se elas a) partilharem os mesmos traços semânticos, propriedades ou partes; b) se afetarem uma a outra; c) se forem factualmente inseparáveis; e d) se forem percebidas como uma unidade, se factualmente inseparáveis ou não.

Analisando-se a integração entre os verbos *chegar*, *ir*, *vir* e as preposições *a/para*, a partir dos critérios propostos por Haiman, percebemos que eles – verbos e preposições - partilham o sentido de movimento, uma vez que as preposições apontam a direção do movimento descrito pelo verbo. No entanto, com a preposição *em* não há partilhamento de sentido, já que, prototipicamente, ela situa um determinado evento no espaço.

Em relação ao segundo critério, de afetamento do sentido dos verbos pelas preposições ou vice-versa, percebe-se que, quando as preposições a/para ocorrem com verbos de movimento, o sentido de direção manifesta-se com alguma nitidez. Isso significa que, mesmo sendo consideradas preposições altamente gramaticalizadas e, portanto, semanticamente esvaziadas, é possível que o sentido de direção que emerge quando elas estão acompanhadas de verbos de movimento seja decorrente da influência desses verbos sobre elas.

Como já havia sido mencionado anteriormente, Kleppa (2005, p.72) corrobora essa afirmação ao dizer que quanto mais esvaziado for o conteúdo semântico de um item lexical, mais dependente do conteúdo semântico do termo que o seleciona. Portanto, o sentido da preposição a/para pode ser resultante da proximidade com o verbo de movimento que a selecionou.

Quanto ao critério que diz respeito à inseparabilidade de verbos e preposições, podemos verificar que é possível a interveniência de vocábulos entre eles. São encontradas construções do tipo *João foi lentamente ao/no/para o supermercado*, mas são agramaticais construções como **João foi ao/no/para o lentamente supermercado*. São inseparáveis, portanto, preposição e adjunto

Se ao invés de analisarmos o grau de integração entre verbo e preposição, analisarmos o grau de integração entre preposição e locativo, podemos perceber que há partilhamento de sentido entre a preposição *em* e locativos que apresentarem os traços

semânticos de definitude e por caracterizarem-se por ser um lugar fechado[5], conforme já apontara Mollica (op.cit.). Para Borba (1971), quando o falante usa a preposição *em* com os verbos de movimento, ele não está interessado em representar a direção do movimento em si, mas apenas a sua inclusão no ponto de chegada, como em *ir no restaurante*, *voltar no banco*.

Quanto ao grau de afetamento da preposição sobre o locativo ou vice-versa, o mesmo argumento que se usou para as preposições *a/para* é possível de ser usado aqui. São os locativos que fazem emergir na preposição *em* o sentido de lugar no espaço.

Travaglia (1985, p.28) sustenta que a preposição é regida não só pelo verbo, mas também pelo seu argumento ou adjunto. Em conseqüência disso, a escolha da preposição se daria em dois níveis diferentes: no nível sintático, a preposição seria selecionada pelo verbo e, no nível semântico, ela harmonizaria com o conteúdo semântico do adjunto ou do argumento do verbo.

Um traço semântico que se manifesta com as preposições *a*, *para* e *em*, permitindo distingui-las, e que é independente tanto do verbo quanto do adjunto é o traço [permanência]. Tomando-se construções como *João foi à biblioteca*, *João foi para a biblioteca* e *João foi na biblioteca*, podemos notar que na frase que contém a preposição *para* a permanência de João na biblioteca terá alguma duração, enquanto nas frases com as preposições *a* e *em*, a permanência será por um tempo muito curto.

De acordo com Mollica (1998, p.163), o traço semântico [+permanência] caracteriza a preposição *para*, e os falantes permanecem sensíveis a ele. A tradição gramatical recomenda para construções com a preposição *a* semelhante interpretação[6]. No entanto, não nos parece que tal traço esteja presente nessa preposição. Já a preposição *em* se caracteriza pelo traço semântico [-permanência].

Um problema que surge em relação à adoção de princípio da proximidade para explicar a alternância entre as preposições se refere à forma de relacionar essa variabilidade com o grau de integração no plano conceptual. A princípio, se há integração entre dois

---

[5] Isso significa que o deslocamento da articulação verbo-preposição para verbo-locativo não representaria uma variação livre, mas motivada por razões semânticas e, possivelmente, pragmáticas.

[6] Segundo Silva, (1989, p.628), no português arcaico, por vezes a preposição *a* expressa a permanência ou a situação resultante de um movimento para um ponto de chegada, o que também poderia ser expresso pela preposição *em*.

elementos lingüísticos no plano conceptual, como explicar a ocorrência de variação envolvendo-os?

Podemos buscar uma solução esse problema, seguindo a interpretação que Givón (1995) dá ao princípio da proximidade. De acordo com o autor, esse princípio descreve uma tendência geral nas línguas e não uma regra absoluta, cuja atuação pode ser constatada com base na freqüência mais expressiva de uma construção ou de outra. Além do mais, ao analisar o papel da experiência no processamento e aquisição da linguagem, afirma que a "*frequency of behavior is of paramount importance, since grammatical competence is believed to be both reflected in and shaped by the frequency of experience*" (p.195).

Portanto, concebendo o princípio da proximidade não como uma regra absoluta, mas como uma tendência, podemos supor que o uso da preposição *em* com verbos de movimento estaria refletindo um afrouxamento, no plano conceptual, da relação entre verbo e preposição e, simultaneamente, em sentido contrário, um estreitamento da relação entre preposição e adjunto.

6 - Considerações finais

Neste trabalho, buscamos mostrar que, apesar de serem consideradas vocábulos altamente gramaticalizados e esvaziados semanticamente, as preposições *a*, *para* e *em* preservam traços semânticos que emergem como resultado da integração entre verbo e preposição ou entre preposição e adjunto. Nas construções com *a* ou *para*, mais próximas da forma considerada padrão, há um maior estreitamento entre verbos de movimento e preposição; enquanto nas construções com *em*, consideradas não-padrão, o estreitamento se dá entre preposição e adjunto. Além disso, traços semânticos, presentes no adjunto, podem condicionar a ocorrência de *a/para* ou de em. Quando o adjunto carregar os traços semânticos [+fechado] e/ou [+definido], a preposição que se manifesta é *em*; no entanto, quando os traços forem [-fechado] e/ou [-definido], podem se manifestar as preposições *a* ou *para*. Também influencia a preposição que irá se manifestar a intenção do falante de comunicar a duração, longa ou curta, de sua permanência no local indicado pelo locativo. O traço semântico [+permanência] caracteriza a preposição *para*, o traço [-permanência] a preposição *em*, sendo a preposição *a* neutra em relação a esse traço. A alternância entre as preposições foi explicada com base na interpretação dada por Givón ao princípio da

proximidade. A preposição em harmoniza-se semanticamente com o adjunto, e as preposições a/para com o verbo.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BORBA, Francisco da Silva. *Sistemas de preposições em Português*. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de livre docência, 1971.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. *Alfa*, São Paulo, n.38, p.75-96, 1994.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 1991.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1978.

FARIAS, Jair Gomes de. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.41, nº 1, p.213-234, 2006.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John B.R.Company, 1990, v.2.

_____. *Isomorphism in the grammatical code*: cognitive and biological considerations. Oregon, 1991.

_____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: Benjamins, (1995).

GONÇALVES, Perpétua. Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique. In: FARIA, I.H.; PEDRO, E.R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C.A. (orgs.). *Introdução à Lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

_____**.** *Para uma aproximação língua-literatura em português de Angola e Moçambique.* São Paulo: Via Atlântica, 4:212-213, 2000.

HAIMAN, J. *Natural Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 5ª ed. Porto Alegre: Globo, 1981.

KLEPPA, Lou-Ann. *Vamo de a pé no carro do vovô?* Dissertação de mestrado. Campinas, 2005. Disponível em http://libdigi.unicamp.br.

MOLLICA, M.C. A regência variável do verbo ir de movimento. In: SILVA, G.M.O. & SCHERRE, M.M. (Orgs.) *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996, p. 85-119.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PONTES, Eunice. *Espaço e tempo na Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Estruturas trecentistas* – elementos para uma gramática do português arcaico. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Sobre as possíveis razões da ausência e presença da preposição no OD. In: *Letras e Letras*, 1/1, Uberlândia, 1985, p. 15-39.

_____. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VOTRE, Sebastião (org.). *Iconicidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1992

_____. Um paradigma para a lingüística funcional. *Alfa*, São Paulo, n.41, p.25-40, 1997.